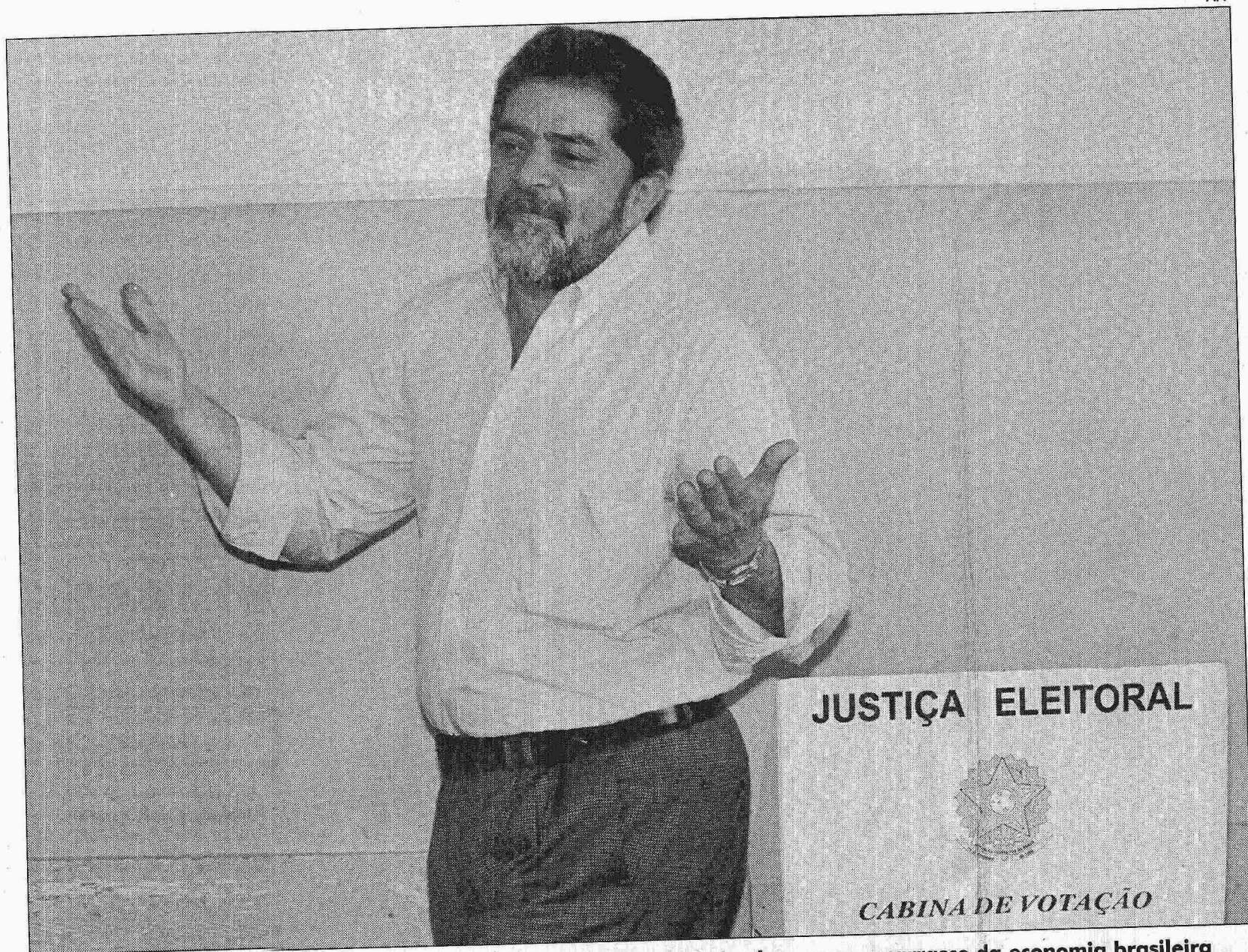


Lula: "País elegeu seu carrasco"

■ Desanimado, candidato do PT admitia sua derrota desde cedo



NA HORA de votar, Lula apontou o presidente Fernando Henrique Cardoso como o carrasco da economia brasileira

São Paulo - O Brasil elegeu seu próprio algoz. Logo cedo, às 8h20 de ontem, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), candidato a presidente da República da frente oposicionista União do Povo Muda Brasil, qualificou assim a recondução pelas urnas do rival Fernando Henrique Cardoso ao Palácio do Planalto. "FHC é o carrasco hoje da economia brasileira. É o responsável por um dos maiores desastres econômicos da história do Brasil. Acho até incompreensível que as vítimas votem em seu carrasco", disse Lula, ao sair de seu apartamento em São Bernardo do Campo, no ABC paulista.

Embora tenha evitado admitir claramente a derrota àquela hora, para não desanimar a militância logo pela manhã, o tom da fala do líder petista apontava para isso, uma vez que ele próprio tinha conhecimento das projeções das pesquisas de intenção de voto desde sexta-feira à noite. "Apesar de ter sido escondida da opinião pública, tentamos mostrar a profundidade da crise. Alertamos o povo para a gravidade sobre o que está por vir. Quem não acreditou, vai perceber a partir de segunda-feira (hoje) o que vai acontecer nesse País na próxima semana", previu Lula, em estilo missão cumprida, referindo-se

ao provável e duro pacote pós-eleitoral do presidente Fernando Henrique.

Para Lula, "o Brasil volta aos patamares da década de 80". O País, segundo ele, "está à beira do abismo, e a parte da população que pode cair nele é a mais pobre, que é mais desamparada. Os ricos já estão tirando seu dinheiro daqui".

Acompanhado pela mulher, Marisa, Lula votou às 9h, na 70ª seção da 296ª zona eleitoral, em um colégio da rede pública paulista, no bairro de Assunção, em São Bernardo. Beijou seu título de eleitor, em pose para um batalhão de fotógrafos que se acotovavam na sala de votação. Ao sair, Lula voltou a se queixar do processo eleitoral.

"Foi a eleição mais manipulada da qual participei do ponto de vista da despolitização da sociedade, até porque FH se escondeu na faixa de presidente", disse, antes de voltar para o comitê central da campanha, no Pacaembu (região central da capital paulista), para se encontrar com os correligionários Marta Suplicy, candidata a governadora de São Paulo, e o senador Eduardo Suplicy. Lula também se queixou da mídia que, na opinião dele, favoreceu o candidato à reeleição.

Incôgnita

O futuro de Lula é uma incôgnita, após a terceira derrota consecutiva em corrida presidencial. Ele próprio foi lacôni-

co: "Não sei. Vou deixar para a bola de cristal". Lula perdeu em 1989 para Fernando Collor (no segundo turno) e em 1994 para Fernando Henrique (no primeiro turno). É importante lembrar que Lula resistiu à candidatura presidencial, e só cedeu depois que foi formada a maior aliança das esquerdas da história do País, a coligação União do Povo Muda Brasil (PT-PDT-PSB-PCB-PC do B).

Correntes mais radicais do PT, no entanto, acabaram tendo atritos com a direção nacional, em virtude de apoios a candidaturas como a de Anthony Garotinho (PDT) no Rio de Janeiro.

Embora seja um líder popular e carismático, após esse resultado, a posição de Lula fica mais vulnerável e prevêem-se novos conflitos entre as facções internas do PT, que fará em 1999 um congresso para definir seu novo perfil. É natural que, pelo menos temporariamente, Lula fique "aposentado" da disputa eleitoral, principalmente para a sucessão de Fernando Henrique em 2002. Algumas correntes do PT defendem a apresentação de novos nomes ao eleitorado nas próximas eleições majoritárias, como foi o de Marta Suplicy, que surpreendeu na disputa em São Paulo.

Modernização

O presidente do PT, José Dirceu, é dos que defendem uma "modernização" do partido, que incluiria uma maior aproxima-

ção com a juventude e com os movimentos populares. Além de "mudanças no partido", a agenda do PT para 1999, segundo ele, prevê marcar posição contra Fernando Henrique, apresentando opções para o país da crise, a defesa de uma reforma política e a continuidade e aprofundamento da ação coligada das esquerdas no Congresso, incluindo uma aproximação com setores do PMDB e do bloco próximo a Ciro Gomes (PPS).

"A discussão da fusão PT-PDT está descartada no próximo ano", enfatizou Dirceu. Esse tema ainda gera forte resistência de boa parcela da militância petista, inclusive porque o PDT é um partido menos homogêneo que o PT, por abrigar de Garotinho (que já esboça deixar o brizolismo) a Francisco Rossi.

Em relação a um novo governo Fernando Henrique, o PT pretende recusar qualquer pacto pela unidade nacional, já proposto pelo atual Presidente, para enfrentar a crise financeira que o Brasil atravessa. "Vamos apresentar nossas propostas de reformas, fiscal e tributária", explicou Dirceu, "e mobilizar a sociedade".

Os petistas acreditam que as medidas impopulares que Fernando Henrique deve tomar, a partir de agora, vão gerar grande frustração e insatisfação na população e devem causar um rápido desgaste do Presidente, abrindo a possibilidade de a oposição ganhar espaço junto à opinião pública.